

Os Kawahib e a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré

Baseado em informações do livro "Ferrovia do Diabo", de Manuel Rodrigues Ferreira.

Índios em contato com os americanos que trabalhavam na EFMM.
Foto Dana Merrill, entre 1907 e 1912



A despeito de não haver comprovação de que os atuais Karipuna de Rondônia tenham vínculos históricos com os grupos identificados como Karipuna no período de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), boa parte desses grupos eram Kawahib, assim como esse grupo sobrevivente.

Entre os anos de 1907 a 1912, segundo os registros históricos, os Karipuna entram em contato com milhares de trabalhadores que vieram de vários países e de

diferentes regiões do Brasil para trabalharem na construção da ferrovia Madeira-Mamoré. A empreitada tinha o objetivo de facilitar o escoamento da produção de látex na Amazônia para exportação. Também havia, por parte do governo brasileiro, a preocupação com a ocupação da Amazônia. Inicialmente, a obra ficou a cargo da companhia americana May, Jekyll & Randolph (e posteriormente envolveu outras companhias nacionais, americanas e inglesas), que mobilizou cerca de 30 mil homens de diferentes proveniências para a construção dos cerca de 364 km de trilhos.

Foto identificada como de um índio Karipuna pelo fotógrafo oficial da EFMM.
Foto Dana Merrill, entre 1907 e 1912

A construção de uma ferrovia dessa escala no meio da floresta amazônica no início do século XX, entretanto, era uma empreitada das mais difíceis. O montante de intrigas, migrações, investimentos (nacionais e estrangeiros, públicos e privados), endividamentos, falências, doenças e mortes que acompanhou esse processo revestiu a obra de uma certa mística. Diziam, por exemplo, que para cada um dos seis mil dormentes dos trilhos da ferrovia correspondeu uma morte. Por essas razões, ela ficou conhecida como "Ferrovia do Diabo" (sendo este o título do livro de Manuel Rodrigues Ferreira, que conta sua história).



Em 1912, quando a obra foi concluída, o ciclo da borracha na Amazônia já estava em decadência. O preço internacional do produto abaixara muito, e a ferrovia perdeu sua principal razão de ser. Com os investimentos governamentais no transporte rodoviário, a Madeira-Mamoré foi sendo cada vez mais sucateada, até ser completamente desativada em 1972.

A história dos grupos indígenas da região do rio Madeira também foi atravessada pela ferrovia. Muitos foram os conflitos entre os funcionários da obra e índios como os Pakaa-Nova, Guaravo, Parintintin, Kaxarari, Munduruku e Karipuna, tal como destaca Ferreira (1982). Mas, entre todos, são sem dúvida os Karipuna que ficaram mais conhecidos na mídia da época e nos registros posteriores como os impactados de modo mais contundente pela obra.

Índio ferido encontrado próximo aos trilhos da EFMM e médico que o tratou.
Foto Dana Merrill, entre 1907 e 1912



Ferreira cita um relato de 1887 do engenheiro Júlio Pinkas, que esteve no rio Madeira entre 1883 e 1884 para fazer o projeto da ferrovia. O engenheiro comenta que os Karipuna sofriam muito de gripe, varíola e malária em razão do contato. Mas que os encontros com a sua equipe foram amistosos. Eles não costumavam se aproximar, mas ficavam todo o tempo escondidos na mata observando o grupo do engenheiro. Pinkas comenta ainda que os índios perguntavam seus nomes para dá-los a seus filhos. [Ver abaixo Aspectos culturais dos Karipuna descritos por Pinkas].

Se no período anterior ao início efetivo das obras não há menção a conflitos, com a chegada maciça de trabalhadores os ataques passaram a ocorrer. Segundo relatos coletados por Ferreira, os índios vinham e retiravam trilhos e dormentes. A companhia resolveu então eletrificar os trilhos durante a noite, o que acarretou dezenas de mortes de índios e da fauna local. Contam também que os Karipuna e outros grupos indígenas atacavam os trabalhadores durante as obras ou nas caçadas que faziam para sanar as precárias condições alimentares em que trabalhavam. Nas conversas noturnas ao redor das fogueiras, um dos assuntos mais recorrentes entre os operários eram as histórias dos ataques indígenas.

O índio conhecido como "Caripuna Pete" volta à aldeia, com prótese no lugar da perna amputada, e auxilia a aproximação de seu grupo com os brancos.
Foto Dana Merrill, entre 1907 e 1912



Houve um fato, porém, que acabou aproximando os Karipuna dos invasores de seu território. Alguns trabalhadores encontraram um índio, subnutrido e com uma grande ferida na perna direita, sozinho em local próximo as trilhos. Foi levado ao hospital mais próximo, onde ficou conhecido pelos médicos e enfermeiras como "Caripuna Pete". Foi preciso amputar sua perna e importaram dos Estados Unidos um aparelho ortopédico em substituição ao membro amputado. Alguns meses depois, o índio retornou à sua aldeia. Depois de alguns dias, o Caripuna Pete voltou ao acampamento de trabalhadores com outros quatorze índios também doentes em busca de auxílio.

Aspectos Culturais

Grupo do hospital da Candelária com o índio "Caripuna Pete", já recuperado.
Foto Dana Merrill, entre 1907 e 1912



Um relato feito em 1887 pelo engenheiro Júlio Pinkas, que esteve no Rio Madeira entre 1883 e 1884 para fazer o projeto da ferrovia Madeira-Mamoré, assim sintetiza o modo de vida tradicional de grupos que ele identifica com Karipuna nessa época:

"É uma tribo pacífica que gosta de ser brindada pelos viajantes a cujo encontro eles vêm, voluntariamente. Obedecem a um capitão (cacique), vivem em pequenos grupos entregues à caça e à pesca, plantam em vários

pontos dos seus domínios, que anualmente percorrem, bananas e mandioca, sabem fazer uma farinha grosseira e conservar carne e peixe e produzem da farinha uma bebida fermentada (chicha) com que se embriagam em suas festas. Gostam do sal e pedem camisas e calças que só aceitam quando novas e nunca mais despem até cair aos pedaços. Os Caripunas, na maioria, andam completamente nus. Furam o septo do nariz, que recebe um duplo buquê de penas encarnadas e ornam as orelhas com dentes de capivara ou de jacaré, grudando-os com cera. Vistos de longe parecem ter bigode vermelho.

No pescoço, trazem colares de dentes de macaco ou coati, nos pulsos e pernas enrolam em forma de pulseiras um barbante engenhosamente coberto por talas de penas. Nos seus festejos ornam-se com uma coroa de penas de tucano e mais enfeites de penas pretas, amarelas e vermelhas no corpo. As mulheres usam dos mesmos enfeites, andam completamente nuas até a idade da puberdade, quando recebem a tanga, pedaço de pano de 15 centímetros em quadrado ornado de penas e suspenso livremente sobre um cinturão de feitiço igual às pulseiras. Homens e mulheres não têm vestígios de cabelos no corpo. Os cabelos pretos lhes caem incultos sobre os ombros e o peito, apenas aparados na frente com a faca de conchas. Sabem fiar e fabricam redes de fibras vegetais. Seus arcos são direitos, têm dois metros de comprimento e são fabricados do pau da paxiúba. As flechas são maiores ainda. A haste que cortam da cana brava é enfeitada por penas de asas de mutum amarradas em espiral na parte inferior e unida à ponta de uma taboca mais grossa por um fio de algodão coberto com cera. Essa arma lhes serve na pesca, na caça e na guerra. Usam também da zarabatana e conhecem os estricnos (venenos). Falam a língua geral (tupi), fortemente viciada pelo idioma dos seus vizinhos do Madre de Dios e Beni, e alguns entre eles conhecem a significação de algumas palavras espanholas." (apud Ferreira, 1982)